



Revista Brasileira em Promoção da Saúde  
ISSN: 1806-1222  
rbps@unifor.br  
Universidade de Fortaleza  
Brasil

Fernandes de Andrade, Andrezza; Morais Braga, Ana Paula  
PERCEPÇÃO DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA ACERCA DA TERAPIA  
OCUPACIONAL

Revista Brasileira em Promoção da Saúde, vol. 22, núm. 3, 2009, pp. 143-150  
Universidade de Fortaleza  
Fortaleza-Ceará, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=40812007003>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

## PERCEPÇÃO DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA ACERCA DA TERAPIA OCUPACIONAL

*The perception of inclusive education professionals concerning Occupational Therapy*

Artigo Original

---

### RESUMO

**Objetivo:** Investigar o nível de conhecimento de dois diretores e quatro professores de duas escolas públicas de um município do Ceará, acerca da Terapia Ocupacional no processo de inclusão escolar, apontando o nível de formação desses profissionais a respeito da educação inclusiva. **Método:** Caracterizou-se por ser uma pesquisa de campo, com abordagem qualitativa, intervencionista, utilizando-se o método comparativo. Foram realizadas entrevistas, além de intervenções por meio de palestras e dinâmicas de grupo abordando-se os temas referentes à Terapia Ocupacional na inclusão educacional, sendo os dados avaliados pela técnica de análise de conteúdo. **Resultados:** Os resultados mostraram que, após as intervenções realizadas, os sujeitos participantes passaram a conhecer e identificar a profissão, principalmente suas ações frente ao campo da educação inclusiva. Ressalta-se a necessidade de aperfeiçoamento, bem como especialização dos profissionais participantes, visto que não recebem capacitação suficiente para atuarem nessa nova área de inclusão educacional. **Conclusão:** Na amostra estudada, os sujeitos são conhecedores do processo de inclusão escolar, porém não têm aprofundamento na área, tampouco formação para as práticas de inclusivistas.

**Descritores:** Educação Especial; Educação do Deficiente Mental; Terapia Ocupacional.

### ABSTRACT

**Objective:** To investigate the level of knowledge of two principals and four teachers of public schools from a city in Ceará, concerning the Occupational Therapy in the process of school inclusion, showing the level of formation of these professionals regarding inclusive education. **Method:** A field research, with a qualitative interventionist approach, using the comparative method. Interviews were carried out as well as interventions by means of lectures and group dynamics dealing with subjects referring to Occupational Therapy in inclusive education. The data were evaluated by the technique of content analysis. **Results:** The results showed that, after the accomplishment of all interventions, the participants began to know and to identify the profession, mainly its actions in the field of inclusive education. We point out the need of improvement as well as of specialization for the subjects, since they do not receive enough qualification to act in this new area of inclusive education. **Conclusion:** In the studied sample, the subjects know the process of school inclusion; however they neither have profound knowledge in the area nor the formation for inclusive practice.

**Descriptors:** Education, Special; Education of Mentally Retarded; Occupational Therapy.

---

Andrezza Fernandes de  
Andrade<sup>(1)</sup>  
Ana Paula Morais Braga<sup>(1)</sup>

1) Universidade de Fortaleza -  
UNIFOR - (CE)

Recebido em: 05/08/2008  
Revisado em: 16/12/2008  
Aceito em: 13/06/2009

## INTRODUÇÃO

A Terapia Ocupacional é uma das profissões que está diretamente engajada no processo de inclusão social, sobretudo na educação inclusiva. O presente estudo parte do pressuposto que a percepção dessa profissão por parte dos dirigentes e professores de escolas regulares com implementação da inclusão escolar poderá interferir em uma melhoria das condições de implantação desse serviço.

Associando-se as mudanças que estão ocorrendo nos dias atuais referentes ao processo de educação inclusiva ao trabalho do terapeuta ocupacional, vê-se também a sua importância diante deste quadro, a que o instrumento da Terapia Ocupacional mostra-se condizente com as propostas de transformação assistencial atual, ressaltando-se que o cliente passa a ser encarado como um cidadão que se realiza e restabelece sua saúde mediante sua (re) inserção social<sup>(1)</sup>. Isto só ocorre quando esta re-inserção se estabelece numa relação direta com atividades que proporcionem melhor qualidade de vida, utilizando-se de ações educativas voltadas à promoção da saúde, o que se mostra compatível com o campo de atuação do terapeuta ocupacional<sup>(2)</sup>.

O assunto “inclusão” é um tema amplamente debatido entre a sociedade atual. A base do paradigma inclusivista refere-se a uma proposta de construção da cidadania, no qual não somente a pessoa com deficiência deverá se modificar, como também todo o grupo social em que está envolvida necessita de mudanças para acolher todos os seus membros<sup>(3)</sup>.

Torna-se necessário diferenciar termos como integração e inclusão para melhor compreender o quanto é importante a não segregação dentro da comunidade em que se vive. A integração significa a inserção da pessoa com deficiência preparada para conviver na sociedade. Já a inclusão seria a inserção incondicional dessa pessoa, mediante a modificação da própria sociedade como pré-requisito para o indivíduo com deficiência buscar seu desenvolvimento e exercer a cidadania. Portanto, pode-se dizer que integração e inclusão se complementam na promoção de uma sociedade justa e igualitária<sup>(4)</sup>.

É necessário que a visão “anti-inclusão” do contexto escolar seja revista, lembrando que cada ser em particular tem sua ponta de contribuição para a construção de uma sociedade sem muros<sup>(3)</sup>.

Uma das maiores provas de mudança no mundo contemporâneo em relação à educação inclusiva está na realização da Declaração de Salamanca, em que a Organização das Nações Unidas, no ano de 1994, por meio dos delegados da Conferência Mundial de Educação Especial definiu os seus princípios básicos e reafirmou o compromisso da Educação para Todos, incluindo-se

crianças, jovens e adultos com necessidades educacionais especiais, segundo o Ministério da Educação, representado pela Secretaria de Educação Especial. Dentre os muitos princípios proclamados pela referida Declaração, pode-se destacar ainda “as pessoas com necessidades educacionais especiais devem ter acesso às escolas comuns que deverão integrá-las numa pedagogia centralizada na criança, capaz de atender a essas necessidades”<sup>(5)</sup>.

Diante do exposto, vê-se a importância do terapeuta ocupacional no processo de educação inclusiva, sobretudo no que se refere à sensibilização do corpo dirigente das escolas para proporcionar uma melhor adaptação do aluno com e sem deficiência a esta nova etapa do processo educacional, oportunizando a toda a comunidade escolar a capacidade de crescimento pessoal e profissional, preparando-os para o mundo em que vivem e fazendo-os participar ativamente de uma significativa mudança na sociedade contemporânea.

A pesquisa é relevante por facilitar futuros estudos na área de educação inclusiva, auxiliando profissionais e acadêmicos de Terapia Ocupacional a avaliarem o processo de atuação da profissão no mundo do trabalho, contribuindo para sua melhor qualificação e estruturação diante das mudanças proporcionadas pela inclusão educacional.

Assim, esse estudo objetivou identificar o nível de conhecimento de profissionais da educação inclusiva acerca da Terapia Ocupacional no processo de inclusão escolar. Investigou também a formação dos profissionais das escolas a respeito do processo de inclusão educacional, e averiguou o conhecimento dos dirigentes escolares e professores sobre a intervenção da Terapia Ocupacional nessa mesma área.

## MÉTODOS

Pesquisa de campo de natureza qualitativa, do tipo intervencionista e longitudinal, utilizando-se do método comparativo<sup>(6-10)</sup>.

A pesquisa realizou-se em duas escolas públicas do Centro do Município de Acaraú, interior do Estado do Ceará, distante 250 km de Fortaleza-Ceará-Brasil. Vale destacar que a entrevista aconteceu nas duas escolas de forma individual, porém o local da intervenção ocorreu somente em uma escola com a participação dos funcionários de ambas as escolas, conforme concordância dos participantes.

A investigação ocorreu durante um final de semana do mês de maio/2007, no período integral, manhã e tarde, distribuído de acordo com a disponibilidade de tempo dos participantes, totalizando quatro encontros com os participantes, dividindo-se entre entrevista inicial, intervenção e entrevista final.

Os sujeitos da pesquisa fazem parte das escolas que iniciaram o processo de Educação Inclusiva no seu contexto,

totalizando dez pessoas de ambas as escolas distribuídas da seguinte forma: um diretor de cada escola, três professores da 6<sup>a</sup>. Série de Ensino Fundamental da Escola de Ensino Fundamental e Médio Tomaz Pompeu de Souza Brasil e cinco professores da 3<sup>a</sup>. Série de Ensino Médio da Escola de Ensino Médio Maria Alice Ramos Gomes – Liceu de Acaraú.

Utilizou-se como critérios de inclusão um diretor por escola e os professores de escolas públicas de ensino regular do Município de Acaraú que já estejam implantando a educação inclusiva em sua matriz curricular, e professores que estivessem acompanhando crianças com necessidades educativas especiais em sua sala de aula.

Como critérios de exclusão, têm-se os demais diretores, professores e funcionários das salas de escolas públicas e particulares de ensino regular que não possuem a educação inclusiva no seu processo de ensino-aprendizagem, assim como os funcionários que não tinham experiência com o processo de inclusão escolar.

Na primeira etapa da pesquisa foi realizada uma entrevista estruturada<sup>(10)</sup> seguindo um roteiro pré-elaborado composto por oito perguntas, contendo dados de identificação e informações gerais sobre a formação dos profissionais e o processo de educação inclusiva, bem como o conhecimento sobre a Terapia Ocupacional neste campo de atuação. Participaram dessa fase dez sujeitos, de ambas as escolas, dos quais somente seis compareceram à segunda fase da pesquisa, a intervenção.

Como instrumentos usados para auxiliar no processo de investigação acrescentou-se um gravador e fitas cassetes para uma melhor veracidade das informações com prévia autorização dos participantes.

Na segunda etapa ocorreu a intervenção por meio de dinâmicas de grupo<sup>(11)</sup> e de uma palestra educativa a respeito dos seguintes temas: inclusão social, educação inclusiva e Terapia Ocupacional. Essa intervenção contou com a participação de quatro professores e dois diretores dos dez participantes que realizaram a entrevista inicial<sup>(12)</sup>. Todos os resultados da intervenção foram anotados no diário de campo<sup>(6)</sup>.

Na terceira etapa aplicou-se a entrevista final, composta somente de três das oito perguntas feitas inicialmente com os seis participantes da intervenção, para efeito de comparação e análise de sua percepção enquanto educadores acerca da Terapia Ocupacional no processo de inclusão escolar. As demais perguntas não se repetiram na última entrevista já que compõem temas fechados, sem chances de mudança na visão dos participantes após a realização das intervenções.

Os resultados obtidos foram organizados da seguinte maneira: a pré-análise, composta pela fase de organização de todo o material colhido, a exploração do material e o

tratamento dos resultados obtidos, seguido de sua respectiva interpretação, em que os resultados brutos foram tratados significativamente e analisados para serem ou não validados para o estudo<sup>(13)</sup>.

É importante destacar que houve uma comparação entre o nível de conhecimento dos profissionais acerca da Terapia Ocupacional no processo inclusivo antes da intervenção e após a explanação das técnicas terapêuticas.

Investigação seguiu os preceitos da Resolução 196/96<sup>14</sup> do Conselho Nacional de Saúde, tendo sido avaliada Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade de Fortaleza – UNIFOR, recebendo parecer de número 054/07, favorável à sua realização.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os dados colhidos foram dispostos em forma de tabelas para facilitar a compreensão e visualização dos resultados encontrados, destacando-se cada pergunta e as principais respostas dos entrevistados.

Os sujeitos que participaram desse estudo foram identificados pelas letras: diretor 1 (D1) e diretor 2 (D2), professor 1 (P1) até o professor 4 (P4). Refere-se também o período de realização da entrevista, antes (PA) e depois (PD) da intervenção.

Dos seis sujeitos pesquisados, dois do gênero feminino e quatro do masculino, com idade entre 30 e 50 anos, 03 possuem formação acadêmica em pedagogia, 01 em Engenharia de Pesca, 01 em Letras, 01 em História. Com relação à educação continuada, 04 são pós-graduados, com especialização em Gestão Escolar, Ensino de Biologia, Pedagogia e Habilidade em Ensino Fundamental.

Ao serem questionados a respeito do significado da educação inclusiva os sujeitos da pesquisa responderam conforme as falas:

“[...] Inclusão na realidade é compreender, é aceitar, é participar, é inserir a pessoa [...] e não é porque ela é diferente que deve estar fora de uma sociedade”. D1

“É você colocar, aceitar, o aluno, a pessoa, o indivíduo que ele não desenvolva habilidades igualmente os outros [...] dentro do ambiente escolar [...].” P2

Dentre os argumentos mencionados pelos professores, obteve maior destaque o que atribui à noção de compartilhar o mesmo espaço físico a condição de principal elemento do conceito de educação inclusiva, sendo ressaltado por quatro docentes.

A partir da análise dos discursos ficou claro que os participantes têm conhecimento acerca do tema educação inclusiva e após a intervenção esta visão ampliou e tornou-se ainda mais clara, pois todos os sujeitos referem que a

inclusão deve acontecer com a preparação da escola para receber a pessoa com deficiência, e que incluir significa conviver, interagir, inserir, de um modo geral, tanto na escola como na Comunidade.

Quando se busca, nas falas dos professores, os processos de produção de sentidos acerca da experiência da inclusão deve-se levar em consideração que tal processo incorpora o fazer/pensar concreto dos professores em sua rede de relações, o que se torna muito mais significativo do que comparar o que deveria ser a inclusão com o que se está fazendo de fato nas escolas<sup>(15)</sup>.

O princípio fundamental dessa sociedade é o de que todas as pessoas com alguma deficiência devem ter suas necessidades especiais atendidas, encontrando-se a democracia no atendimento dessas diversidades. A sociedade precisa aprender a conviver com as diferenças individuais de cada um, independente de ter ou não alguma limitação<sup>(16)</sup>.

O ambiente escolar é muito importante para qualquer criança, porém tem um papel mais fundamental ainda para aquela com deficiência, pois é na escola que a criança aprende a confiar mais em si mesma, percebendo que é capaz de realizar as atividades, mesmo que leve um pouco mais de tempo<sup>(17)</sup>. Os profissionais entrevistados reconhecem esta verdade como pode ser evidenciada nas falas:

“Favorecer as pessoas portadoras de deficiência a se comunicar, a entrar no meio da sociedade, inserir-se de um modo geral, tanto na escola como na própria sociedade [...].” P1

“[...] visa incluir as pessoas numa sociedade, no meio, [...] e se sintam pessoas com capacidade pra render, pra fazer alguma coisa e, acima de tudo, se sentirem úteis”. P2

É na escola inclusiva que professores e alunos aprendem uma lição que a vida mesmo não ensina: o respeito às diferenças. E este respeito é o primeiro passo para se estabelecer uma sociedade mais justa. Esse tipo de sociedade que oportuniza a todos, sem qualquer tipo de discriminação, começa no ambiente escolar<sup>(18)</sup>.

Como segundo ponto a ser discutido tem-se a questão da formação considerada necessária para que professores e diretores trabalhem com a inclusão educacional e se cada um deles apresenta essa formação.

Dentre as respostas relatadas pelo diretor (D1), obteve maior destaque o que atribui a psicopedagogia ao psicólogo, assistente social e terapeuta ocupacional, a importância de se trabalhar em conjunto com a escola inclusiva, como se pode ver na fala a seguir.

“[...] psicopedagogia, a gente precisa de psicólogo, assistente social, terapeuta ocupacional, é importante, pra poder trabalhar todo o conjunto com a escola [...].” D1

No entanto, os outros sujeitos da pesquisa afirmam a importância e necessidade de uma formação, sem, no entanto saber especificá-la.

“[...] através de conhecimento específico o profissional, digamos assim, formado na área, com certeza ele terá um melhor desempenho [...].”

“Formação... é realmente um desafio pra gente porque nós não temos nenhuma capacitação direta para esse trabalho [...].”

Apesar do crescente número de alunos com deficiências em sala de aula, o professor ainda se mostra despreparado para ensiná-los e até mesmo para onde encaminhá-los<sup>(19)</sup>.

No que diz respeito à formação de cada sujeito, pôde-se observar que todos os entrevistados foram unâimes em dizer que é necessário haver uma formação para que se tenha a capacidade de trabalhar com a inclusão educacional de alunos com deficiências. Porém, cinco sujeitos referiram não possuir essa formação, apenas uma professora mencionou ter participado de curso acerca da educação inclusiva.

Este dado é confirmado pela literatura, em que na pesquisa sobre a percepção dos professores de rede regular de ensino sobre problemas visuais, apenas 21,1% dos entrevistados afirmou possuir orientação técnica para lidar com alunos com necessidades educativas especiais<sup>(19)</sup>.

A maneira mais rápida e eficaz de melhorar a capacidade profissional do professor é realizar programas especiais de capacitação docente<sup>(20)</sup>.

A própria Declaração de Salamanca apela aos governos para assegurar que os programas de formação do professorado se voltem para atender às necessidades educacionais especiais dentro das escolas integradoras, mostrando a importância do preparo do corpo docente e dirigente das escolas para receber esses alunos<sup>(5)</sup>.

Essa formação não é uma formação para a inclusão, já que não há como preparar alguém para a diversidade, mas de formação na inclusão, pois esta não fornece respostas prontas, porém trabalha o olhar do educador sobre seu aluno, que lhe garante o acesso ao conhecimento sobre as suas peculiaridades, ajudando a compreender as necessidades que este aluno com deficiência possa vir a ter<sup>(21)</sup>.

O resumo das falas transcritas sobre como está se dando o processo de inclusão nas respectivas escolas encontram-se no Tabela I:

Tabela I - Opinião dos sujeitos sobre o processo de Inclusão na sua referida Escola

Sujeitos	Falas transcritas
D1	“Eu acho que até de forma natural, na realidade, eles são trazidos pelos próprios pais, [...] a gente procura identificar, certo, porque na realidade o pai não chega pra gente e diz, ‘olha meu filho tem esse problema, tem aquele’ não, ele tem uma certa dificuldade de chegar. A gente tem procurado nas reuniões de pais e mães trabalhar isso com eles [...]”.
D2	“[...] a gente não tem uma preparação assim realmente dos nossos professores, não, [...] foi muito difícil, não pela questão de relacionamento, mas de apresentar os conteúdos, de passar os conteúdos, de trabalhar dentro de sala de aula. Aí fica difícil porque nós não temos professores capacitados [...]”.
P1	“[...] escola tem procurado justamente chamar as pessoas, chamá-las para reuniões, até que há um canal aberto da comunidade educativa para as pessoas e as famílias [...]”.
P2	“O processo de inclusão já houve em 2006, o início [...] foi desenvolvido um projeto e era sobre deficiências, portadores de deficiências, e foi um projeto muito rico que acrescentou muito [...]”.
P3	“[...] Eu acho que quem procura a escola tem acesso [...] na minha escola eu vejo que isso acontece normalmente”.
P4	“[...] o aluno entra na sala, a escola tem obrigação de aceitar, é um direito que ele tem, mas o professor não sabe lidar com o aluno [...] a gente vai fazendo o que pode, só não pode é excluir”.

Com relação ao processo de inclusão escolar nas referidas escolas dos participantes, quatro dos seis sujeitos revelaram que as escolas aceitam receber as crianças e jovens com deficiência, dois professores afirmam que a escola recebe os alunos, porém afirmam a dificuldade e despreparo dos profissionais em lidar com o processo de inclusão.

A maior dificuldade no processo de educação inclusiva é a falta de formação especializada e apoio técnico no trabalho com alunos inseridos em classes regulares<sup>(22)</sup>.

A escola inclusiva implica em um compromisso com o processo educacional por parte de todos que nele estão envolvidos, seja professores, pais, diretores, dirigentes, secretários de educação ou a própria comunidade<sup>(21)</sup>.

Adentrando ao campo da Terapia Ocupacional, a Tabela II revela o conhecimento dos profissionais da educação inclusiva acerca da profissão depois da realização das palestras educativas.

Tabela II - Conhecimento dos sujeitos sobre o serviço da Terapia Ocupacional após a intervenção

Sujeitos	Falas transcritas
D1	“Bom agora eu já conheço [...] ele hoje é de fundamental importância principalmente para a educação inclusiva, [...] pra poder trabalhar melhor aquele aluno pra que ele possa ser inserido dentro das escolas”.
D2	“Conheço. É um trabalho voltado com exclusividade para recuperar, resgatar, levantar a autoestima, dessas pessoas com alguma deficiência”.
P1	“A partir de hoje eu já pude ter assim uma idéia mais concreta do que se trata a Terapia Ocupacional. [...] visa mais atentamente a tentar ocupar [...] principalmente as pessoas portadoras de deficiência, que vivem isoladamente da sociedade”.
P2	“Tô conhecendo, começando a conhecer [...] e acho que a Terapia Ocupacional, em todos os seus segmentos, tem a ajudar [...]”.
P3	“Sim, [...] a Terapia Ocupacional não é uma recuperação física, mental ou psicológica, geralmente se trabalha tudo isso junto para que uma pessoa retorne de um desvio desse tipo e volte exatamente a integração à sociedade real [...]”.
P4	“[...] deu pra eu ter assim uma idéia do que seja essa Terapia Ocupacional, porque eu pensei que ela se direcionava só pra crianças com deficiência, mas hoje eu vejo que não é [...]”.

Conforme exposto, a percepção de cada participante sobre a Terapia Ocupacional mudou diante da intervenção realizada. Cada um procurou relatar, pelo menos na essência, o que seria a profissão, tentando enquadrá-la ao paradigma inclusivista.

O terapeuta ocupacional ganha destaque pela sua capacidade de conhecer a diversidade em diferentes áreas e de favorecer a funcionalidade das potencialidades de cada indivíduo, atuando como um facilitador da inclusão<sup>(23,24)</sup>.

O Conselho Regional de Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Sexta Região (CREFITO-6) define a Terapia Ocupacional como uma área do conhecimento voltada aos

estudos, à prevenção e ao tratamento de indivíduos com alterações cognitivas, afetivas, perceptivas e psicomotoras, decorrentes ou não de distúrbios genéticos, traumáticos e/ou de doenças adquiridas, através da sistematização e utilização da atividade humana como base de desenvolvimento de projetos terapêuticos específicos<sup>(25)</sup>.

Diante disto, o sujeito-alvo da Terapia Ocupacional está socialmente excluído de uma parte significativa das atividades sociais. Esse paciente interage de forma insatisfatória com a família, na escola, no trabalho e quase sempre é um solitário, não se deixando atrair por divertimentos, atividades culturais e as pessoas, em geral, o intimidam e/ou atrapalham<sup>(26)</sup>.

Antes da intervenção, ao serem questionados sobre o papel do terapeuta ocupacional os sujeitos tiveram dificuldades de delinear o papel do profissional de forma adequada e em toda a sua abrangência. Pode-se observar que, fazendo-se uma análise à luz do método comparativo<sup>(10)</sup>, após as intervenções os sujeitos participantes obtiveram conhecimento a respeito dos serviços de que a Terapia Ocupacional dispõe e da magnitude de suas ações, sobretudo na área de inclusão escolar, que podem ser constatado na análise das falas transcritas na tabela III.

Vê-se claro que, mesmo antes da intervenção, a importância da Terapia Ocupacional é notada diante do processo de inclusão escolar, alcançando a unanimidade após a intervenção. A profissão deve se incorporar à discussão sobre educação inclusiva e pensar na sua atuação nas escolas regulares, com o intuito de promover a inserção das pessoas com deficiência nesse âmbito de sua vida ocupacional<sup>(3)</sup>.

O trabalho da Terapia Ocupacional na escola, igualmente ao de qualquer outro técnico da reabilitação, deve ter um caráter de apoio logístico ao corpo docente, coordenadores e órgãos administrativos, objetivando um melhor suporte à rede de profissionais que atuam diretamente com a educação<sup>(23,27)</sup>.

Como forma de visão acerca da educação inclusiva no futuro, professores e diretores relataram sua opinião sobre como se dará esse processo nos próximos anos, segundo mostra a Tabela IV.

Diante das colocações dos participantes, percebe-se que todos os sujeitos pesquisados consideram que a educação inclusiva tem muito que crescer ainda futuramente, dando passos cada vez mais firmes no dias atuais, o sujeito P4 refere ainda a necessidade de capacitar o professor para a inclusão, assim como estender o trabalho para a família, pra que a mesma possa trabalhar com o seu filho em casa, integrando professor, família e escola, para o crescimento do aluno.

Tabela III - Opinião dos sujeitos acerca da importância da Terapia Ocupacional na Educação Inclusiva após a intervenção

Sujeitos	Falas transcritas
D1	“Eu acredito que seja justamente na preparação, tanto do aluno que tem a necessidade especial, como daqueles que são considerados ‘normais’, pra haver uma aceitação de ambas as partes [...]”.
D2	“Tem uma importância muito grande porque [...] a Terapia tem esse trabalho voltado exclusivamente pra eles, onde se possa trazê-los de volta, renascer numa perspectiva de vida novamente [...]”.
P1	“Eu acho indispensável, isso porque a educação não dispõe de profissionais habilitados com essa formação [...] e o ideal seria mesmo que o terapeuta ocupacional tivesse espaço nas instituições de ensino e só assim poderia direcionar um trabalho mais concreto”.
P2	“Eu acho que ela viria dar um suporte aos educadores, à escola, aos pais, à própria família, porque se a escola, se os educadores não têm um conhecimento do que é a Terapia Ocupacional, eu penso que muito menos a família [...]”.
P3	“[...] é real a necessidade de profissionais como o da Terapia Ocupacional, [...] há uma maior necessidade da presença desses profissionais, pelo fato de nós termos que trabalhar uma gama de alunos com necessidades especiais [...]”.

É importante frisar que a escola inclusiva é aquela que valoriza o que o outro é e o que ele pode ser como ser humano ativo e preocupado com seu mundo exterior. O que faz uma escola ser inclusiva é um bom projeto pedagógico. Esse projeto valoriza a cultura, a história e as experiências anteriores da turma. As mudanças que devem ocorrer nas práticas pedagógicas também merecem destaque, em que os alunos, com deficiência ou não, tenham liberdade para aprender de acordo com suas próprias condições<sup>(18)</sup>.

Para que a inclusão ocorra de forma efetiva, é preciso domínio de instrumentos e referenciais que favoreçam as práticas pedagógicas, por meio de aprimoramento constante dos professores<sup>(28)</sup>.

Tabela IV - Expectativas dos sujeitos em relação à Educação Inclusiva no futuro

Sujeitos	Falas transcritas
D1	“[...] se tiver um trabalho gradativo e contínuo, eu acredito que muitos jovens que sofrem de preconceito e que estão fora da escola vão poder tá dentro da escola, ter uma formação e até se inserir no mercado. [...] ainda se tem muito que fazer, pra realmente essa educação inclusiva ser inclusiva”.
D2	“[...] para o futuro a tendência é crescer. [...] vendo essas pessoas de uma maneira diferente sim, mas não é uma maneira diferente de chegar e esnobar e ignorar, mas é uma maneira diferente de estar trazendo para dentro da família, dentro da escola, dentro da comunidade e chegar numa concepção de que não há diferença [...].”
P1	“Eu acho que a tendência é aumentar [...] Eu acho que pode haver um trabalho, não pra devolver àquele meio, devolver o que foi perdido, mas incluí-los para o convívio com seus semelhantes”.
P2	“[...] a tendência é melhorar, mas, eu acho, tenho certeza, que a educação inclusiva, apesar dela ter sido jogada, ela veio pra nos ensinar também, [...].”
P3	“Eu acho que nós temos uma transformação muito grande em relação a pessoas, a diversidade de pessoas muito grande. É um campo novo que está chegando [...].”
P4	“[...] queria muito que acontecesse a inclusão. [...] Então eu acredito que vá haver de fato uma inclusão, mas que não fique só no papel, que o professor saiba lidar, [...] ter um trabalho também com a família, pra que a família possa trabalhar com o seu filho em casa, porque aí agindo professor, família, escola, complementa esse trabalho, e há um crescimento pra esse aluno”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa apresentou evidências que permitiram verificar o nível de conhecimento acerca da atuação da Terapia Ocupacional no processo de Educação Inclusiva na atualidade. Os principais resultados apontaram que os sujeitos são convedores do processo de inclusão escolar, porém não têm aprofundamento na área, tampouco formação para as práticas inclusivistas.

Quanto à ciência sobre a intervenção do terapeuta ocupacional nesse contexto, os participantes mostraram-se não sabedores da profissão, no entanto, após a intervenção realizada, tornou-se evidente a informação obtida a respeito da Terapia Ocupacional, sua contribuição e seu papel de elo entre aluno, com e sem limitação, professor, família e demais componentes da comunidade escolar, colaborando assim para a inclusão dessa clientela em todas as esferas sociais.

Os resultados foram enriquecedores, aumentando a visão a respeito da importância das diferenças para o crescimento enquanto ser humano, sobretudo no que se refere aos valores internos tanto como pessoa, quanto como terapeuta ocupacional. Sugere-se, portanto, a continuidade de pesquisas nessa área, visando maior conhecimento acerca do assunto estudado, auxiliando profissionais e acadêmicos de Terapia Ocupacional, contribuindo para sua melhor qualificação e estruturação diante das mudanças proporcionadas pela inclusão educacional.

## REFERÊNCIAS

- Medeiros MHR. Terapia Ocupacional: um enfoque epistemológico e social. São Carlos: UFSCAR; 2003.
- Bottan ER, Campos L, Verwiebe APS. Significado do conceito de saúde na perspectiva de escolares do ensino. Rev Bras Promoção Saúde. 2008;21(4):240-5.
- De Carlo MMRP, Bartalotti CC. Terapia Ocupacional no Brasil: fundamentos e perspectivas. São Paulo: Plexos; 2001.
- Godoy P. Inclusão de alunos portadores de deficiência no ensino regular paulista: recomendações internacionais e normas oficiais. São Paulo: Mackenzie; 2002.
- Secretaria de Educação Especial. Saberes e práticas da inclusão: recomendações para a construção de escolas inclusivas. Brasília: MEC; 2006.
- Barros AJS, Lehfeld NAS. Fundamentos de metodologia científica: um guia para a iniciação científica. São Paulo: Makron Books; 2000.
- Minayo MCS (Organizador). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 23ª ed. Petrópolis: Vozes; 2004.
- Hagquette TMF. Metodologias qualitativas na sociologia. Petrópolis: Vozes; 2003.
- Iatros. Estatística e Pesquisa Científica para Profissionais de Saúde. Tipos de Investigação Científica. [Acesso em 2006 Dez 13]. Disponível em: <http://www.vademecum.com.br/iatros/tiposinvest.htm>.

10. Lakatos EM, Marconi MA. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo: Atlas; 2001.
11. Maximino VS. Grupos de atividades com pacientes psicóticos. São José dos Campos: Univap; 2001.
12. Militão A, Militão R. Jogos, dinâmicas e vivências grupais. Rio de Janeiro: Qualitymark; 2000.
13. Bardin L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70; 1977.
14. Conselho Nacional de Saúde(BR). Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos. Resolução 196/96. [Acesso em 2008 Out 05]. Disponível em: <http://www.bioetica.ufrgs/res19696.htm>.
15. Anjos HP, Andrade EP, Pereira MR. A Inclusão escolar do ponto de vista dos professores: o processo de construção de um discurso. Rev Bras Educ. 2009;14(40):116-29.
16. Maciel MRC. Portadores de Deficiência: a questão da inclusão social. São Paulo em Perspectiva. 2000;14(2):51-6.
17. Gil M. Deficiência física e Inclusão social. [Acesso em 2007 Jan 29]. Disponível em: <http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2002/ede/edetxt4.htm>
18. Cavalcante M. A Escola que é de todas as crianças. Rev. Nova Escola. [Acesso em 2005 Jul 28]. Disponível em: [http://revistaescola.abril.com.br/edicoes/0182/aberto/m\\_67296.shtml](http://revistaescola.abril.com.br/edicoes/0182/aberto/m_67296.shtml)
19. Maruyama AT, Sampaio PRS, Rehdel JRL. Percepção dos professores da rede regular de ensino sobre os problemas visuais e a inclusão de alunos com baixa visão. Rev Bras Oftalmol. 2009;68(2):73-5.
20. Michels MH. Gestão, formação docente e inclusão: eixos da reforma educacional brasileira que atribuem contornos à organização escolar. Rev Bras Educ. 2006;11(33): 406-23.
21. Bartalotti C. Construindo a escola inclusiva: a escola da diversidade. [Acesso em 2007 Jan 29]. Disponível em:<http://celinacb.br.tripod.com/toeinclusaosocial/id4.html>
22. Sant'Ana IM. Educação inclusiva: concepções de professores e diretores. Psicol Est. 2005;10(2):227-34.
23. Sant'anna MMM. Educação inclusiva e inclusão social: a clínica da Terapia Ocupacional. Temas sobre Desenvolvimento. 2002;11(61):10-5.
24. Santos FV, Matsukura T. Inclusão escolar: identificando a produção de conhecimento e práticas de Terapia Ocupacional. In: XVI Congresso de Iniciação Científica; 2008 SÃO CARLOS: UFSCAR; 2008.
25. Crefito-6. Terapia Ocupacional: Legislação. [Acesso em 2007 Mai 23]. Disponível em: <http://www.crefito6.org.br/?TerapiaOcupacional>
26. Benetton MJ. Trilhas associativas: ampliando subsídios metodológicos à clínica da Terapia Ocupacional. Campinas: Arte Brasil/UNISALESIANO – Centro Universitário Católico Auxilium; 2006.
27. Rocha EF, Castiglioni MC, Vieira RC. A Inclusão da criança com deficiência na escola comum: reflexões sobre o papel da Terapia Ocupacional. Rev Ter Ocup. 2001;12(1/3):8-14.
28. Gomes C, Barbosa AJG. Inclusão escolar do portador de paralisia cerebral: atitudes de professores do ensino fundamental. Rev Bras Educ Esp. 2006;12(1):85-100.

**Endereço para correspondência:**

Ana Paula Morais Braga  
Rua Antonio Martins, 52  
Damas  
CEP 60420-030 – Fortaleza – CE  
E-mail: apbraga@unifor.br